

O DEUS-HOMEM FOI REALMENTE TENTADO?

*Alisson Pedrosa da Silva Fontes*⁸⁹

Resumo: O debate sobre a complexidade da Pessoa de Cristo e a união de suas duas naturezas tem gerado discussões acaloradas ao longo da história do Cristianismo. As fórmulas conciliares afirmam que Cristo possui duas naturezas em uma só Pessoa, sendo intrinsecamente impecável devido à sua divindade. No entanto, também é reconhecido que Cristo foi verdadeiramente tentado, e suas tentações não foram apenas exemplos para os seguidores. Como alguém impecável pode ser genuinamente tentado? Na tentativa de responder a essa pergunta, muitos teólogos ignoraram completamente a Pessoa do Espírito Santo, mas a Escritura deixa claro que o Espírito desempenhou um papel essencial na impecabilidade de Jesus e em seu sustento contra as tentações. Sua vida impecável resultou de seu esforço e da capacitação sobrenatural recebida do Espírito Santo. Cristo, ao resistir às tentações, conquistou a obediência necessária para a reconciliação dos eleitos com Deus, tornando-se o cumpridor do pacto divino e o substituto daqueles que pereceram em Adão. Essa compreensão reforça a importância da humanidade de Cristo para sua obra redentora e confere ainda mais glória ao Salvador.

Palavras-chave: Cristo, divindade, naturezas, impecabilidade, tentações.

Abstract: The debate about the complexity of the Person of Christ and the union of His two natures has sparked heated discussions throughout the history of Christianity. The conciliar formulas affirm that Christ possesses two natures in one Person, being inherently impeccable due to His divinity. However, it is also recognized that Christ was truly tempted, and His temptations were not merely examples for His followers. How can someone who is impeccable be genuinely tempted? In attempting to answer this question, many theologians have completely overlooked the role of the Holy Spirit, but Scripture makes it clear that the Spirit played an essential role in the impeccability of Jesus and His resistance against temptations. His blameless life resulted from His effort and supernatural empowerment received from the Holy Spirit. By resisting temptations, Christ achieved the necessary obedience for the reconciliation of the elect with God, becoming the fulfiller of the divine covenant and the substitute for those who perished in Adam. This understanding reinforces the importance of Christ's humanity in His redemptive work and brings even greater glory to the Savior.

Keywords: Christ, divinity, natures, impeccability, temptations.

⁸⁹ Graduado em biologia pela UNB. Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento pela Unifil, pós-graduando em Teologia Sistemática pela mesma instituição e Mestrando em Novo Testamento pelo Centro de Pós-graduação Jonathan Edwards. E-mail: alissompa@yahoo.com.br

1. Introdução

Qual era a necessidade de Jesus Cristo ser Deus e homem? - Perguntam as confissões reformadas⁹⁰.

Era necessário que o Mediador, que havia de reconciliar o homem com Deus, **fosse Deus e homem e isto em uma só pessoa**, para que as obras próprias de cada natureza fossem aceitas por Deus a nosso favor e que nós confiássemos nelas como as **obras da pessoa inteira**. (CMW, resposta à pergunta 40, grifo nosso).

Ao longo da história do cristianismo, foram poucos - dentro da cristandade - os que ousaram negar a divindade de Jesus Cristo. A devoção a Jesus, a sua elevada posição na vida religiosa, fé e adoração dos cristãos já estava presente desde os primórdios do movimento cristão⁹¹ e perduram até hoje (HURTADO, 2012).

No entanto, a relação entre a nítida humanidade de Jesus e a sua reconhecida divindade foram alvos de muitas controvérsias ao longo do desenvolvimento da teologia cristã⁹². Como uma única pessoa pode ao mesmo tempo ser Deus e homem? Como essas duas realidades tão distantes podem se relacionar?⁹³

Há ainda uma série de outras dúvidas legítimas que os cristãos (eruditos e leigos) têm levantado a respeito de Jesus. Sendo plenamente Deus, Jesus seria capaz de conhecer o pensamento de todos à sua volta? Jesus precisava orar? Ou orou apenas para nos dar o exemplo? Se não tinha pecados, por que Jesus sofreu tristeza, dor e angústia? E talvez uma pergunta ainda mais intrigante: **Jesus pecou ou poderia ter pecado?** Suas tentações foram reais como as nossas ou apenas uma encenação teatral que fazia parte do cumprimento de sua agenda messiânica? (JONES, 2012)

A Escritura é categórica ao afirmar que “não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim **alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado**” (Hebreus 4.15, grifo nosso). Muitos teólogos sistemáticos também são categóricos ao afirmar que Cristo não tinha

⁹⁰ Catecismo Maior de Westminster (perguntas 37-41) e o Catecismo de Heidelberg (Dia do Senhor 6)

⁹¹ Para uma defesa abrangente e detalhada dessa posição veja HURTADO, Larry. *Senhor Jesus Cristo*. São Paulo: Paulus, 2012

⁹² Para uma breve análise dessas controvérsias veja: HORTON, Michael. *Doutrinas da Fé Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 498 - 511.

⁹³ Veja uma análise abrangente sobre o tema em CAMPOS, Heber. *As duas naturezas do Redentor*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013; CAMPOS, Heber. *A união das duas naturezas do Redentor*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005 e BAVINCK, Herman. *Dogmática Reformada vol.3. O pecado e a salvação em Cristo*. São Paulo: Cultura Cristã. 2012, p. 239-324.

[...] apenas integridade natural, mas também moral, isto é, impecabilidade. Significa não apenas que Cristo pode evitar o pecado (*potuit non peccare*), e que de fato evitou, mas também que **lhe era impossível pecar** (*non potuit peccare*), devido à ligação essencial entre as naturezas humana e divina. (BERKHOF, 2009, p.292, grifo nosso).

Partindo de dois pressupostos que têm guiado a teologia cristã ao longo do tempo, 1 - Jesus foi genuinamente tentado e 2 - Jesus era genuinamente impecável, a proposta desse artigo é responder a pergunta a seguir: **como as tentações de Jesus podem ter sido genuínas se afirmamos que a pessoa tentada era plenamente Deus e, portanto, não podia pecar?**

O problema suscitado por essa pergunta poderia ser facilmente resolvido se negássemos uma das afirmações para as quais a pergunta busca solução. Ou seja, se negamos a genuína realidade das tentações de Jesus, ou se negamos a sua impecabilidade, a discussão simplesmente perde seu efeito. (WARE, 2013)

Todavia, se quisermos manter os olhos nas Escrituras, devemos afirmar que a humanidade de Cristo deveria estar envolvida em suas tentações de uma forma que sua divindade jamais poderia estar, pois “Deus não pode ser tentado pelo mal” (Tiago 1.13), ao mesmo tempo em que afirmamos que como Deus, era impossível que Cristo pecasse.

Então, como explicamos a realidade das genuínas tentações de Jesus, se afirmamos que aquele que foi tentado era, ele mesmo, impecável e, como tal, não podia pecar? E como o nosso entendimento da deidade e da humanidade de Cristo se relaciona com a nossa explicação da sua impecabilidade, da sua potencialidade para ser tentado e da inexistência do pecado nele? (WARE, 2013, p.117).

2. Uma ou duas vontades?

O concílio de Calcedônia, em 451 d.C, selou a unanimidade entre Alexandria e Antioquia condenando o monofisismo⁹⁴ e o nestorianismo⁹⁵ afirmando a visão formulada que Cristo é “uma Pessoa em duas naturezas”:

Fiéis aos santos Pais, todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar [...] **um e só mesmo Cristo**, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar, **em duas naturezas**, inconfundíveis, imutáveis, indivisíveis, inseparáveis; a distinção de naturezas de modo algum é anulada pela união, antes é preservada a propriedade de cada natureza, concorrendo para formar **uma só pessoa** e em uma subsistência; não separado nem dividido em duas pessoas, mas um só e o mesmo Filho, o Unigênito, Verbo de Deus, o Senhor Jesus Cristo, conforme os profetas desde o princípio acerca dele testemunharam, e o mesmo Senhor Jesus nos ensinou, e o Credo dos santos Pais nos transmitiu. (Credo de Calcedônia, grifo nosso).

Após a consolidação da fórmula de Calcedônia, o patriarca Sérgio I de Constantinopla, com a intenção de tornar a visão dos monofisistas mais palatável à ortodoxia, proclamou que em Jesus Cristo, embora havendo duas naturezas (Calcedônia), só havia uma vontade, pela identificação perfeita da vontade humana com a vontade divina, o que ficou conhecido na história das heresias por monotelismo. (HORTON, 2019)

O monotelismo foi condenado e tachado como heresia no sexto concílio ecumênico (Constantinopla III, grifo nosso), que afirmou categoricamente que “[Jesus] **há duas vontades** naturais e duas operações naturais, procedendo comumente e sem divisão.”

Seguindo as definições do sexto concílio, seria inadequado considerar Cristo plenamente humano se sua vontade fosse tão somente divina. Como um verdadeiro ser humano, ele necessariamente possuía uma vontade humana genuína. Entretanto, por ser plenamente Deus, ele também tinha uma vontade divina. Ou seja, Cristo possuía duas vontades.

⁹⁴ O eutiquianismo (monofisismo) se refere às visões de Eutiques de Constantinopla (378-454), que era vago a respeito da compreensão da relação entre as duas naturezas de Cristo. Em suma, seu erro resultou em 'misturar' a humanidade e a divindade de Cristo, o que significa que sua visão de Cristo não permitirá que Cristo tenha uma humanidade como a nossa em todos os sentidos '(Hb 2,17). Observe também as palavras do Credo da Calcedônia, "a ser reconhecido em duas naturezas, inconfundíveis", que se opõe à visão eutiquiana.

⁹⁵ Nestorianismo é a visão de que existem duas pessoas separadas em Cristo - uma pessoa humana e uma pessoa divina. O 'nestorianismo' está errado porque o Filho assumiu uma verdadeira natureza humana (corpo e alma), mas não uma pessoa humana distinta, que já possuía uma identidade. Hipoteticamente, se o Filho tivesse assumido um indivíduo distinto, então apenas esse indivíduo - e ninguém mais - poderia ter sido salvo pelo Filho.

A importância dessa afirmação não pode ser subestimada, porque a vontade humana de Cristo era necessária para que ele pudesse obedecer verdadeiramente em lugar de seu povo. O Cristo homem precisou submeter sua vontade e deixar-se moldar à vontade do Deus Trino conforme declara a Escritura: “embora sendo Filho, **aprendeu a obediência** pelas coisas que sofreu e, **tendo sido aperfeiçoado**, tornou-se o Autor da salvação eterna (Hebreus 5. 8-9, grifo nosso).

A obediência ativa (vontade humana) de Cristo à vontade de seu Pai foi uma obediência nascida do amor a Deus com todo o seu coração, alma, mente e força humana. Essa obediência era representativa, pois ele obedeceu não apenas por si mesmo, mas também em nome de seu povo⁹⁶, assim como, conforme Romanos 5:12-19, a desobediência de Adão foi representativa para toda a sua descendência (BAVINCK, 2012).

Nas Escrituras, observamos que o Filho declara categoricamente que está cumprindo a vontade de seu Pai: "Pois eu desci do céu, **não para fazer a minha vontade**, mas a vontade daquele que me enviou" (João 6.38, grifo nosso). Da mesma forma, em João 10. 17-18, Cristo afirma que a razão pela qual seu Pai o ama é porque ele entregou sua vida pelas ovelhas por sua “**espontânea vontade**”. À luz dessas passagens, resta evidente que considerar a presença de apenas uma vontade em Cristo, em vez de duas, é uma heresia contra a Trindade, pois implicaria em múltiplas vontades em Deus. Claramente, o próprio Cristo distingue sua vontade humana nessas passagens da vontade do Pai. No entanto, apesar de duas vontades em operação na Pessoa de Cristo, essas vontades, “procedem comumente e sem divisão” (JONES, 2012).

Elevando o nível de provocação, convém destacar que a obediência de Cristo em nosso lugar foi genuína. Ele não “trapaceou” ou recorreu à sua própria vontade divina enquanto agia como o segundo Adão. Em vez disso, Ele dependeu completamente do Pai ao receber o Espírito e confiar nele (João 6.38). A tradução de "*οὐχ ἀρπαγμὸν ἠγήσατο τὸ εἶναι ἴσα θεῷ*" em Filipenses 2.6, que significa "ele não considerou ser igual a Deus algo do qual poderia tirar vantagem", se encaixa perfeitamente nesse conceito (BEEKE e JONES, 2016).

Conseqüentemente, Cristo realmente cresceu em estatura (Lucas 2.52). Se houve momentos em que Cristo parecia desconhecer algo (Mateus 24.36; Lucas 8.45), foi

⁹⁶ Para uma defesa dessa posição veja: BAVINCK, Herman. *Dogmática Reformada vol.3. O pecado e a salvação em Cristo*. São Paulo: Cultura Cristã. 2012, p. 381-386 e BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p.348-350.

porque sua mente humana verdadeiramente desconhecia; e se parecia ter conhecimento sobrenatural (Lucas 9.47), era porque o Pai lhe revelou esse conhecimento à sua humanidade por meio do Espírito Santo⁹⁷ (FERGUNSON, 2014).

Algumas dúvidas pertinentes podem surgir a partir da afirmação da dupla vontade em Jesus: se Cristo possuía duas vontades e sua vontade humana precisou - com a ajuda do Espírito - se submeter e se conformar à vontade divina, sua vontade humana poderia ser genuinamente tentada? Seria possível que sua vontade humana sucumbisse diante das tentações e pecasse?

3. A impecabilidade de Cristo

É importante iniciarmos esse ponto afirmando em conjunto com as Escrituras que Jesus Cristo viveu em completa santidade e nunca, desde o seu nascimento até a sua morte, cometeu pecado, tendo vivido em conformidade completa com a vontade do Deus triúno em todas as circunstâncias, mesmo nos momentos mais difíceis de sua vida terrena.

É de vital importância para a nossa teologia que Jesus Cristo tenha vivido neste mundo sem pecado, pois **somente essa condição poderia fazer com que a morte de Jesus pudesse ser aceita como a nossa morte ou que ele pudesse ser o nosso substituto**, cumprindo, assim, o plano redentor de Deus para os seres humanos que ele decidiu salvar [...] Se Jesus tivesse morrido também pelos seus próprios pecados, não poderia morrer no lugar de ninguém mais. Não haveria expiação vicária. Ele estaria apenas pagando a sua própria penalidade. (CAMPOS, 2005, p. 368, grifo nosso).

Historicamente, tem havido pouco debate sobre inexistência de pecado em Jesus Cristo, até mesmo os mais notórios hereges em cristologia da igreja primitiva - salvo raras exceções - afirmaram que Cristo não cometeu pecado. É plausível que essa quase unanimidade de opinião se deve ao fato das Escrituras afirmarem o tema com veemência e clareza absolutas: Isaías 53.9, 1João 3.4-5, 2Coríntios 5.21, 1Pedro 1.18-19, 1Pedro 2.21-24, Hebreus 4.14-15, Hebreus 9. 13-14, Hebreus 9.28, João 8.46.

Sendo assim, a doutrina da impecabilidade como

[...] tradicionalmente definida, afirma sobre Cristo não somente que ele não pecou (o que é verdadeiro), mas também, com maior insistência, que ele não podia pecar. Como impecável, Cristo era não

⁹⁷ Para uma defesa desse ponto, veja: OWEN, John. *O Espírito Santo*. Recife: Os Puritanos, 2012, p. 27-38 e FERGUSON, Sinclair B. *O Espírito Santo*. Recife: Os Puritanos, 2014, p.26-45.

somente *posse non peccare*, mas também, o mais importante, *non posse peccare* (WARE, 2013, p.116).

O que resta para nossa análise não é investigar a inexistência de pecado em Cristo, mas a possibilidade ou não, dele, mesmo em união com sua natureza divina, ceder às tentações e hipoteticamente ter cometido pecado.

A complexidade do assunto não pode ser desfeita simplesmente porque a ideia de Cristo ser passível de pecado soa repugnante aos ouvidos de um cristão piedoso. A Escritura e, especialmente, o livro de Hebreus fazem afirmações importantes sobre o desenvolvimento do Cristo humano como salvador dos pecadores. Vejamos:

Porque, tendo em vista o que **ele mesmo sofreu quando tentado**, ele é capaz de socorrer aqueles que também estão sendo tentados. (Hebreus 2:18) [...] pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, **como nós, passou por todo tipo de tentação**, porém, sem pecado. (Hebreus 4:15, grifo nosso).

Alguns teólogos chegaram à conclusão de que a realidade genuína das tentações de Jesus implicam necessariamente em que ele era passível de pecado, afinal de contas se uma pessoa não possui suscetibilidade ao pecado, ou se o pecado não lhe sobrepõe qualquer tipo de apelo, segue que sua tentação foi uma farsa completa, um mero teatro sem qualquer significado real na história redentiva. Como afirmou Charles Hodge (2001, p.1188, grifo nosso):

A ausência de pecado em nosso Senhor não equivale à impecabilidade absoluta. [...] Se ele foi um homem genuíno, **então seria capaz de pecar**. Que ele não pecou sob a maior provação; que quando era ofendido abençoava; quando sofria não ameaçava; quando era uma ovelha muda diante de seus tosquiadores, é posto diante de nós como um exemplo. Tentação implica a possibilidade de pecar. **Se à luz da constituição de sua pessoa era impossível que Cristo pecasse, então sua tentação não era real, mas sem propósito, e ele não poderia solidarizar-se com seu povo.**

Os defensores da pecabilidade de Cristo levam a distinção das duas vontades de Cristo (humana e divina) ao extremo quando afirmam que se Jesus não era passível de cair, então ele não poderia ajudar aqueles que são tentados. A força do argumento reside na vitória sobre o pecado quando há a possibilidade de cair diante da tentação. Segundo eles, uma tentação só é real quando existe a possibilidade de pecar, pois seria uma farsa ser "tentado" a fazer algo impossível de ser feito. (CAMPOS, 2005)

Apesar de atraente na explicação de alguns textos bíblicos, a ideia da pecabilidade de Cristo deve ser rejeitada⁹⁸. O maior problema reside no fato de que a natureza humana de Cristo (e conseqüentemente sua vontade humana) estar unida indissolúvelmente à sua natureza divina. A fórmula ortodoxa de Calcedônia “duas naturezas em uma só Pessoa” não abre margem para que Cristo, como pessoa, fosse passível de pecado. Se a natureza humana de Jesus tivesse em algum momento existido de forma separada de sua natureza divina, haveria a possibilidade teórica dele pecar. No entanto, Jesus, desde sua encarnação, sempre existiu como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, com suas naturezas humana e divina unidas em uma só pessoa. Um ato pecaminoso de sua humanidade envolveria toda a pessoa de Cristo, incluindo sua natureza divina. No entanto, isso seria impossível, pois implicaria na pecabilidade de Deus, o que vai contra sua natureza santíssima. Portanto, conclui-se que Jesus não poderia ter pecado devido à união de suas naturezas humana e divina em uma pessoa (GRUDEM, 1999).

Como afirma Ronald Hanko (2012, p. 131, tradução e grifo nosso):

É importante lembrar que não é a natureza que peca, mas sim a pessoa, e Cristo é apenas uma pessoa, o Filho de Deus. Como uma pessoa divina, Ele era incapaz de pecar. **Dizer que era possível que Ele pecasse em Sua natureza humana seria afirmar que Deus poderia pecar**, pois, em Sua pessoa, mesmo em nossa natureza humana, Ele é o Filho eterno de Deus.

No entanto, se quisermos permanecer ao lado da Escritura, precisamos afirmar duas coisas: 1) Jesus Cristo jamais pecou - não deve haver dúvidas em relação a isso. 2) Jesus Cristo foi genuinamente “tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hebreus 1.15) Cristo não apenas não tinha pecado empiricamente, mas também era logicamente impossível para ele pecar. Sendo assim, ele foi genuinamente tentado, enquanto permanecia impecável. Negar a impecabilidade de Cristo traz duas implicações problemáticas: **considerar que Deus poderia pecar**, o que é blasfêmia, **ou negar a união indissolúvel entre suas naturezas divina e humana** (BAVINCK, 2012).

Ainda nos resta lidar com o seguinte constrangimento: como o Cristo impecável foi realmente tentado? Suas tentações foram peças fictícias de caráter apenas ilustrativo e didático?

⁹⁸ Para uma argumentação detalhada, veja: CAMPOS, Heber. *A união das duas naturezas do Redentor*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005. p. 259-298.

Alguns teólogos sugeriram uma distinção entre a susceptibilidade inerente à natureza humana de Cristo, que o tornava sensível às tentações, e a vontade humana de Cristo, que, uma vez unida à sua natureza divina, era incapaz de ceder a qualquer tentação. Embora as tentações fossem experimentadas intensamente por sua natureza humana plenamente suscetível, Cristo, como Pessoa, permanecia imune ao pecado devido ao poder sobrenatural da sua vontade divina. William Shedd explica da seguinte maneira (2003, p.336, tradução nossa):

As tentações eram poderosas, mas se a determinação da vontade santa de Cristo fosse mais forte do que as tentações, então elas não seriam capazes de levá-lo ao pecado, tornando-o impecável. No entanto, é claro que ele era suscetível à tentação.

Morris e O'Collins⁹⁹ tentaram harmonizar a impecabilidade de Cristo e a verdade conceitual, de que, em algum sentido, para ser genuína a tentação exige possibilidade de pecar afirmando que a tentação requer a possibilidade epistêmica, não necessariamente lógica ou física, de pecar. Jesus só poderia ser tentado se fosse epistemologicamente possível que ele pecasse. Assim, esses teólogos afirmam que Jesus poderia ser genuinamente tentado desde que ele, em sua humanidade, não soubesse que era impecável (WARE, 2013).

Negando a abordagem criativa mencionada acima, Millard Erickson, na tentativa de manter a realidade das tentações de Jesus, parece inclinado a abraçar uma proposta absurda, que a maioria da ortodoxia vem tentando evitar: a ideia de que a natureza humana e divina de Cristo poderiam, ainda que hipoteticamente, se separarem:

No momento iminente da escolha de pecar, antes mesmo que a decisão fosse tomada, mas com o Pai sabendo que estava prestes a acontecer, a segunda pessoa da Trindade teria abandonado a natureza humana de Jesus, desfazendo assim a encarnação¹⁰⁰. (ERICKSON, 1991, p. 532, tradução nossa).

⁹⁹ Veja: O'COLLINS, Gerald. *Christology*. Oxford: Oxford University Press, 1995; MORRIS, Thomas. *The Logic of God Incarnate*. OR: Wipf & Stock, 2001, p.147-148

¹⁰⁰ Devo acrescentar que, ao que parece, Millard Erickson não mais defende essa posição. Em sua *Teologia Sistemática* (2015, cap. 32: a Humanidade de Cristo), ele não faz qualquer menção a essa ideia.

4. Uma Pessoa ignorada

Chama muito a atenção nas discussões cristológicas sobre a impecabilidade de Jesus o pouco espaço destinado à ação do Espírito Santo. Em seu extenso tratado sobre a União das duas naturezas do Redentor, Heber Campos dedica incríveis 151 páginas ao tópico da impecabilidade e das tentações de Cristo, mas apenas 11 decepcionantes linhas sobre o papel do Espírito¹⁰¹ nesse mérito. Erickson, Hodge, Ferreira, Shedd, Grudem, Berkhof, Horton¹⁰² e outros sistemáticos são culpados de semelhante “esquecimento”.

Há espaço para a obra do Espírito Santo na vida de Cristo? O Espírito teria alguma participação imprescindível na impecabilidade de Jesus e no seu sustento contra as tentações? Afinal de contas, a forma de pensar mais comum entre os cristãos é que Jesus andava por aí realizando milagres simplesmente por ser Deus. Segundo essa visão, naturalmente, sua impecabilidade também deve estar associada à sua divindade intrínseca (JONES 2018).

Se os atributos da divindade foram comunicados à natureza humana de Cristo, como afirmam os luteranos¹⁰³, então o papel do Espírito Santo na vida de Jesus seria basicamente supérfluo.

John Owen (1991, p. 160-162, grifo e tradução nossos) nos ajuda a esclarecer melhor o tópico: “O único ato imediato da pessoa do Filho na natureza humana foi a assunção desta subsistência consigo mesmo”. Isso significava que “o Espírito Santo era o operador imediato de todos os atos divinos do próprio Filho. [...] **Tudo o que o Filho de Deus operou em sua humanidade, ele o fez pelo Espírito Santo**, que é o seu Espírito.”

Para a maioria dos cristãos, Jesus realizou seus milagres porque sua natureza divina comunicava atributos à sua natureza humana. No entanto, para Owen, esse raciocínio é completamente equivocado e falha em explicar a evidência bíblica explícita a respeito da importância do Espírito no ministério terreno de Cristo.

¹⁰¹ CAMPOS, Heber. *A união das duas naturezas do Redentor*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005, p. 392.

¹⁰² ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015; HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001; FERREIRA, Franklin. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2007; SHEDD, William G. T. *Dogmatic Theology*. Nashville: P & R Publishing, 2003; GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999; HORTON, Michael. *Doutrinas da Fé Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019; BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

¹⁰³ Veja: JONES, Mark. *Jesus Christ. An introduction to Christology*. Scotland: Christians Focus Publications, 2012, p. 21-25.

Sinclair Ferguson (2014, p.28, grifo nosso) observa corretamente que o profeta Isaías via o Messias como o “**Homem do Espírito por excelência**” (Isaías 11.1; 42.1; 61.1). De fato, o título Cristo, que se tornou quase um nome próprio para Jesus, significa Ungido - ungido por Deus com o Espírito Santo. Foi por meio dessa unção do Espírito que Cristo desempenhou suas funções no ofício de Mediador.

A Escritura destaca o papel do Espírito em seu nascimento virginal (Lucas 1.31-35), seu desenvolvimento (Lucas 2.52) e seu batismo (Marcos 1:10). Em seu curto ministério terreno, a pregação de Cristo sempre aconteceu no poder e na demonstração do Espírito (Lucas 4.14). Jesus também realizou milagres pelo poder do Espírito Santo (Mateus 12.28; Atos 10.38) e quando não pode realizar milagres foi porque o Espírito não o capacitou a fazê-lo (Marcos 6.5).

A morte de Cristo é o último evento importante durante seu estado de humilhação; e parece que Cristo que, em certo sentido foi morto (Atos 2.36), deu sua vida gratuitamente (João 10.18) no poder do Espírito Santo. Isso é confirmado pela linguagem de Hebreus 9.14: “que pelo Espírito eterno se ofereceu de forma imaculada a Deus”. A ressurreição de Cristo também é atribuída ao Espírito (Romanos 1.4; 8.11). De acordo com a evidência bíblica, o Espírito Santo era o companheiro inseparável de Cristo durante seu ministério terreno. Devemos, portanto, ter uma cristologia que dê sentido à abundância de passagens que falam da obra do Espírito Santo em Jesus, especialmente no que diz respeito às suas tentações e a sua impecabilidade (Mateus 4.1).

5. Não pecou x não poderia pecar

Uma abordagem alternativa, que faz jus ao trabalho do Espírito Santo, pode ser levantada para lidar com a questão da tentação e da impecabilidade de Jesus Cristo. Partiremos de algumas premissas importantes: 1) Jesus era genuinamente impecável porque, na encarnação, ele era a própria segunda pessoa da Trindade, eternamente santa, que uniu em si uma natureza humana completa. No entanto, 2) sua impecabilidade não invalida a realidade de suas tentações e lutas, elas foram genuínas e excruciantes como afirmam as Escrituras.

A pergunta que precisa guiar nossa análise a partir desse ponto é: **por que Cristo não pecou?** A resposta tradicional dada a essa pergunta tem sido fundamentada na impecabilidade de Cristo, ou seja, ele não pecou porque, sendo plenamente Deus,

não poderia pecar. Mas essa resposta é insuficiente. Dizer que ele não poderia pecar não explica satisfatoriamente a razão real pela qual ele não pecou. O meu argumento é que

[...] a impecabilidade de Cristo, por virtude de sua natureza divina unida à sua natureza humana, não está diretamente relacionada a como ele resistiu à tentação e a como foi que ele não pecou. Sim, Cristo era impecável, mas **sua impecabilidade é literalmente irrelevante para explicar a inexistência de pecado nele**. A intuição evangélica comum parece ser esta: se a razão por que Cristo não podia pecar é que ele era Deus, então, a razão por que ele não pecou tem de ser, igualmente, que ele era Deus. Minha proposta nega esta simetria e insiste em que as questões de por que Cristo não podia pecar e por que ele não pecou exigem, em vez disso, respostas notavelmente diferentes. (WARE, 2013, p.129-130, grifo nosso).

Precisamos de uma resposta abrangente para o problema teológico, que explica a genuinidade tanto da impecabilidade de Cristo quanto de suas tentações. A vida de perfeita santidade de Jesus e sua resistência inabalável diante das tentações não foram alcançadas por sua impecabilidade intrínseca, mas pelo esforço e desenvolvimento de sua vontade humana na direção e capacitação do Espírito Santo de Deus. **Jesus resistiu às tentações** e foi “obediente até a morte de cruz” (Filipenses 2.8), **não por recorrer à sua natureza divina, mas por meio da utilização dos recursos que lhe foram dados em sua humanidade** plena: meditação na Palavra, jejum e oração. Não é uma coincidência suas tentações terem ocorrido logo após o seu batismo, onde ele foi repleto do Espírito e logo após o mesmo Espírito tê-lo conduzido ao deserto e o sustentado durante 40 dias de jejum e oração (OWEN, 2012).

Bruce Ware (2013, p.130) nos fornece uma ilustração interessante para entendermos a distinção entre “*algo não podia acontecer* e por que *não aconteceu realmente*”. Considere o exemplo de um nadador que deseja quebrar o recorde mundial de nado contínuo. Durante seus treinos, ele percebe que seus músculos podem se contrair e ter câibras em distâncias mais longas. Preocupado com a possibilidade de câibras graves durante a tentativa de quebrar o recorde, ele decide ter um barco acompanhando-o a uma certa distância. O barco está pronto para ajudá-lo, caso seja necessário, para evitar que ele se afogue, mas o nadador continua determinado e consegue, por seus próprios esforços, quebrar o recorde mundial. Ware continua (p.131):

(1) por que o nadador não poderia ter-se afogado neste evento de quebra de recorde? A resposta é que o barco estava lá o tempo todo,

pronto para resgatá-lo, se necessário. Mas (2) por que o nadador não se afogou? A resposta é que ele se manteve nadando! [...] O barco, literalmente, não teve nada a ver com a razão por que o nadador não se afogou. Além disso, embora o nadador soubesse que poderia não ter-se afogado, porque o barco seguia atrás dele, esse conhecimento não teve nada a ver com a razão por que ele não se afogou, porque também sabia que, se tivesse dependido do barco, sua missão de quebrar o recorde mundial seria frustrada. Portanto, embora ele soubesse que não poderia se afogar, por causa do barco, também sabia que só poderia atingir seu alvo por meio de nadar como se não houvesse nenhum barco.

Contra Erickson, devemos afirmar que a união das duas naturezas não pode, nem mesmo hipoteticamente, ser desfeita. Contra Morris e O'Collins, ressaltamos que Cristo era plenamente consciente de sua impecabilidade, pois leu e aprendeu sobre seu próprio destino nas Sagradas Escrituras desenvolvendo uma consciência messiânica em completa conformidade com a vontade de Deus. Mesmo assim, Jesus enfrentou genuínas tentações. Ele compreendia que sua missão era ser o homem perfeitamente obediente, substituindo a falha de Adão. Finalmente, contra Shedd, resta-nos a afirmação de que embora Jesus fosse Deus e, como Deus-homem, fosse impecável, ele resistiu à tentação e obedeceu ao Pai não por força da sua vontade divina, mas pela obra bendita do Espírito de Deus que habitava nele. Ele sabia que depender de sua natureza divina implicaria em fracasso no cumprimento de sua missão (WARE, 2013).

A compreensão correta de como Cristo venceu as tentações devem aumentar nosso apreço pelo que ele fez como segundo Adão. Herman Bavinck (2012, p. 294), resume a relação da obra do Espírito em nós e em Jesus da seguinte forma: “Se os humanos em geral não podem ter comunhão com Deus exceto pelo Espírito Santo, então isso se aplica ainda mais poderosamente à natureza humana de Cristo.”

Podemos concluir com John Owen (2012, p. 31-33) que, em sua humanidade, Cristo

usando a razão e outros recursos da sua alma humana, foi capaz de viver uma vida impecável como alguém "nascido de mulher, nascido sob a lei". A sua natureza divina não substituiu a sua alma humana. [...] Sendo perfeitamente homem, ele era levado a fazer o que fazia pela sua própria alma racional, do mesmo modo que qualquer outro homem (Lc 2.40). Como qualquer criança humana normal, ele cresceu fisicamente (Lc 2.52). À medida que crescia, tornava-se forte espiritualmente. [...] seu crescimento em graça e sabedoria foram obras do Espírito Santo que o guiou, confortou, sustentou e fortaleceu em todas as suas tentações.

6. A intensidade das tentações de Cristo

As tentações de Cristo foram genuínas. Como o relato Bíblico nos informa, o Espírito levou Jesus ao deserto e durante quarenta dias preparou Jesus para o encontro com satanás, e os anjos lhe serviram quando a árdua batalha foi finalmente vencida (Lucas 4.1-13 e Mateus 4.1-11).

Mas podemos afirmar que Jesus, assim como “nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado” (Hebreus 4.15)? Tendo ele nascido milagrosamente de uma semente incorruptível pelo poder do Espírito Santo, sem pecado algum em seu ser, seria possível que ele experimentasse a tentação na mesma intensidade que nós pecadores (CAMPOS, 2005)?

Tiago 1.14-15 diz que cada um de nós é “tentado pela própria cobiça, sendo por esta arrastado e seduzido. Então a cobiça, tendo engravidado, dá à luz o pecado; e o pecado, após ter-se consumado, gera a morte”. É evidente que a explicação de Tiago se aplica apenas a seres humanos caídos, já “concebidos em pecado¹⁰⁴”. Jesus, assim como Adão no princípio, era completamente livre desse tipo de tentação. Não havia nele inclinação ao mal e durante toda sua vida ele foi preenchido com o “Espírito sem medida¹⁰⁵” e nunca experimentou qualquer sombra de mácula em seu interior (GRUDEM 1999).

Jesus sentiu a força das tentações de uma forma que nos é impossível imaginar. As Escrituras não apresentam nenhuma imagem além da provação e tentação superiores às enfrentadas por qualquer outro homem, pois a impecabilidade, por certo, aumenta a intensidade do sofrimento durante a tentação, ao invés de diminuí-lo (JONES, 2018).

Leon Morris nos ajuda a entender melhor o ponto:

Aquele que sucumbe a uma tentação específica não experimentou todo o seu poder. Ele cede quando a tentação ainda possui uma reserva. **Apenas aquele que não se rende à tentação**, que é impecável em relação a essa tentação em particular, **compreende plenamente sua magnitude**. (1958, p.51-52, tradução e grifo nossos)

Jesus perseverou até o fim na luta contra todas as tentações, sentindo todo o poder de atração e convencimento das palavras de Satanás, de uma forma que nós, que resistimos apenas por um mísero intervalo de tempo, não podemos compreender. A

¹⁰⁴ Salmo 51.5

¹⁰⁵ João 3.34

intensidade das suas tentações foi, assim, aumentada em muito maior medida do que os seres humanos caídos já puderam enfrentar. Como afirmou John Murray: “sua santidade impecável intensificou a angústia da tentação. Quanto mais santa a pessoa, mais excruciante é o encontro com a atração oposta” (MURRAY, 2007, p.211).

7. Implicações sobre a realidade das tentações

Por que Deus se fez homem? Essa foi a pergunta levantada por Anselmo da Cantuária em seu famoso livro “*Cur Deus Homo?*”. Ao longo dos séculos, vários teólogos importantes vêm tentando responder essa pergunta de forma satisfatória, mas uma análise detalhada das várias respostas oferecidas mostra que não existe um consenso sobre o assunto, inclusive dentro da mesma tradição teológica.

É possível identificar tensões evidentes em relação ao pensamento de Anselmo entre teólogos durante a Reforma e também nos séculos seguintes. Por exemplo, João Calvino defendeu a opinião de que Cristo veio ao mundo para reparar o dano causado pelo pecado, seguindo o pensamento de Anselmo sobre a necessidade da satisfação de Cristo (JONES, 2012).

No entanto, o puritano Stephen Charnock (p.574, tradução nossa) afirmou que há “algo em Cristo mais excelente e formoso do que o cargo de um Salvador; a grandeza de sua pessoa é mais excelente do que a salvação obtida por sua morte.”

Aparentemente Charnock não estava sozinho, Thomas Goodwin (p.190, tradução nossa) parece concordar com a ideia de que Cristo veio ao mundo para propósitos que extrapolam a salvação dos pecadores:

A pessoa de Cristo é infinitamente mais valiosa que qualquer outra pessoa no mundo. Portanto, o objetivo principal de Deus não foi trazer Cristo ao mundo por nós, mas nós por Cristo [...] e Deus planejou todas as coisas, até mesmo a própria redenção, para a apresentação da glória de Cristo.

Muitos tratados modernos sobre cristologia parecem negligenciar profundamente as ênfases de Goodwin e Charnock ao colocar em segundo plano a glória de Cristo em relação à sua obra salvadora. É importante perceber que a glória de Cristo não é apenas um aspecto adicional do tópico da cristologia, mas o próprio clímax (OWEN, 1989).

A compreensão correta da união das duas naturezas de Cristo, da sua impecabilidade intrínseca, da realidade das suas tentações, e a forma como Jesus

derrotou suas tentações a partir dos recursos que foram conferidos à sua humanidade pelo poder do Espírito Santo devem nos fazer enxergar melhor a sua Pessoa e assim lhe conferir maior glória.

Visto que sua obediência não foi automática, que ele lutou fervorosamente, em cada ocasião, até ao ponto necessário para vencer cada tentação que lhe sobreveio, devemos dar-lhe nossas mais profundas expressões de agradecimento e louvor. (WARE, 2013, p.140)

Além disso, não podemos pensar que o conhecimento sobre a Pessoa de Cristo está restrito aos círculos teológicos acadêmicos. Pelo contrário, nada poderia trazer mais aplicabilidade ao contexto da igreja local do que o conhecimento sobre Cristo, suas tentações e impecabilidade.

Compreender que Jesus viveu como um de nós, enfrentando tentações com recursos humanos, faz toda a diferença. “A encarnação de Deus nos ensina que Jesus nasceu na plenitude da humanidade. **Ele nasceu**, em outras palavras, **na experiência mortal completa**” (SWOBODA e GUPTA, 2021, tradução e grifo nosso). Isso nos mostra que podemos vencer as tentações também. Os mesmos recursos oferecidos a Cristo por Deus, como Sua Palavra, a oração e o poder do Espírito, também estão disponíveis para nós.

No entanto, é importante lembrar que precisamos usar esses recursos diligentemente. Não podemos esperar que nossa mente seja saturada com a Palavra de Deus ou que tenhamos uma vida de oração fervorosa automaticamente. Devemos reconhecer que a graça de Deus nos capacita, mas também exige nossa participação ativa. Podemos ter esperança em seguir o exemplo de Jesus, que resistiu completamente à tentação como um ser humano dedicado à Palavra de Deus, à oração e à dependência do Espírito. Se desejamos compartilhar de Sua vitória sobre a tentação, devemos também dedicar-nos a fortalecer nossa mente e alma (WARE, 2013).

Conclusão

A complexidade da Pessoa de Cristo e a união das suas duas naturezas têm sido objeto de acalorados debates desde os primórdios do Cristianismo. Esse debate se estende até mesmo entre teólogos de mesma tradição quando são levados a refletir sobre as tentações do Salvador.

À luz da reconhecida divindade de Jesus, podemos acreditar que suas tentações foram genuínas ou foram apenas demonstrações de impecabilidade com finalidade didática para o povo de Deus? Muitos teólogos tentaram, ao longo dos séculos, responder essa pergunta de forma satisfatória. As respostas variaram desde a defesa de uma possível pecabilidade em Cristo até uma completa negação da realidade de suas tentações.

As fórmulas cristológicas conciliares, uma após a outra, seguindo as Escrituras, afirmaram a máxima de que em Cristo reside “duas naturezas em uma só Pessoa”. Sendo Cristo uma única Pessoa, podemos afirmar com segurança que ele era intrinsecamente impecável, pois qualquer ato imoral praticado por sua humanidade imediatamente macularia a sua divindade tornando-a culpada; o que seria impossível, pois Deus não pode pecar.

Ao mesmo tempo, devemos afirmar, também em conjunto com as Escrituras que Cristo foi verdadeiramente tentado. Suas tentações não foram apenas exemplos didáticos deixados para seus futuros seguidores.

No entanto, devemos nos perguntar: O Espírito Santo teria alguma participação imprescindível na impecabilidade de Jesus e no seu sustento contra as tentações? É corrente entre os cristãos pensar que Jesus andava por aí realizando milagres simplesmente por ser Deus. Segundo essa visão, naturalmente, sua impecabilidade também deve estar associada à sua divindade intrínseca.

A realidade de suas tentações e da aplicabilidade de Cristo apenas se sustentam quando não afirmamos que Cristo deixou de cometer pecados porque era intrinsecamente impecável. Na verdade, tendo sido ungido com o Espírito sem medida e a partir da capacitação sobrenatural deste, a vida impecável de Jesus surge como resultado de um esforço sem medida de sua vontade ao fazer uso dos meios que Deus conferiu à sua humanidade.

Tendo experimentado as tentações em seu maior nível de intensidade, visto sua natureza santíssima ter completa aversão ao pecado, e por seus próprios esforços humanos ter resistido onde o primeiro Adão havia falhado, Cristo, assim, conquistou para seus eleitos a obediência necessária para sua reconciliação com Deus, tornando-se ele próprio o cumpridor do pacto divino e, ao mesmo tempo, o substituto daqueles que haviam perecido em Adão.

Afinal de contas,

era necessário que o Mediador fosse homem **para poder levantar a nossa natureza e obedecer à lei, sofrer e interceder por nós em nossa natureza, e simpatizar com as nossas enfermidades**; para que recebêssemos a adoção de filhos, e tivéssemos conforto e acesso com confiança ao trono da graça. (CMW, resposta à pergunta 39, grifo nosso)

Referências

BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada vol.3. O pecado e a salvação em Cristo**. São Paulo: Cultura Cristã. 2012.

BEEKE, Joel; JONES, Mark. **Teologia Puritana, doutrina para a vida**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

CAMPOS, Heber. **As duas naturezas do Redentor**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

CAMPOS, Heber. **A união das duas naturezas do Redentor**. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

CHARNOCK, Stephen. **Discourses Upon The Existence And Attributes Of God**. London: Sagwan Press, 2015.

Credo de Calcedônia. Disponível em: <
http://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_calcedonia.htm>. Acesso em 05/2023

ERICKSON, Millard J. **The Word Became Flesh: A Contemporary Incarnational Christology**. Grand Rapids: Baker Academic, 1991.

ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015

FERGUSON, Sinclair B. **O Espírito Santo**. Recife: Os Puritanos, 2014.

GOODWIN, Thomas. **Commentary on Ephesians 1-2**. Disponível em: <
<https://www.monergism.com/thethreshold/sdg/goodwin/Commentary%20on%20Ephesians%201-2%20-%20Thomas%20Goodwin.pdf>>. Acesso em: 05/2023

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HANKO, Ronald. **Doctrine According to Godliness: A Primer of Reformed Doctrine**. Jenison: Reformed Free Publishing Association, 2012.

- HORTON, Michael. **Doutrinas da Fé Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.
- HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001.
- HURTADO, Larry. **Senhor Jesus Cristo**. São Paulo: Paulus, 2012
- JONES, Mark. **Jesus Christ. An introduction to Christology**. Scotland: Christians Focus Publications, 2012.
- JONES, Mark. **O conhecimento de Cristo**. Brasília: Monergismo, 2018.
- MORRIS, Leon. **The Lord from Heaven: a study of the New Testament teaching on the Deity and Humanity of Jesus Christ**. Grand Rapids: Eerdmans, 1958.
- MURRAY, Ian. **The life of John Murray**. Edinburgh: Banner of Truth, 2007.
- OWEN, John. **O Espírito Santo**. Recife: Os Puritanos, 2012.
- OWEN, John. **Works, vol. I**. London: Banner of Truth, 1991.
- OWEN, John. **A glória de Cristo**. São Paulo: PES, 1989.
- SHEDD, William G. T. **Dogmatic Theology**. Nashville: P & R Publishing, 2003.
- SWOBODA, A. J; GUPTA, Nijay. **Jesus Was the God-Man, Not the God-Superman**. Disponível em <
<https://www.christianitytoday.com/ct/2021/april-web-only/jesus-god-superman-doubt-temptation-holy-week.html> >
- WARE, Bruce. **Cristo Jesus, homem**. São Paulo: Editora Fiel, 2013.
- JONES, Mark. **O conhecimento de Cristo**. Brasília: Monergismo, 2018, p 277- 287
- BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada vol.4. O pecado e a salvação em Cristo**. São Paulo: Cultura Cristã. 2012, p. 699 - 736
- BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009 p. 678 - 681
- BEEKE, Joel; JONES, Mark. **Teologia Puritana, doutrina para a vida**. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 1157 - 119.
- ERICKSON, Millard J. **The Word Became Flesh: A Contemporary Incarnational Christology**. Grand Rapids: Baker Academic , 1991, p. 1167 – 1183